

Pesquisar coletivamente: deslocamentos sensíveis em tempos de distanciamento

Researching collectively: sensitive displacements in times of distance

Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima¹, Renata Monteiro Buelau¹,
Eliane dias de Castro², Isabela Umbuzeiro Valent³,
Juliana Araújo Silva⁴, Erika Alvarez Inforsato¹

<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v32i1-3e204818>

Lima EMFA, Buelau RM, Castro ED, Valent IU, Silva JA, Inforsato EA. Pesquisar coletivamente: deslocamentos sensíveis em tempos de distanciamento. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2021-2022 jan.-dez.;32(1-3):e204818.

RESUMO: Em ondas de resiliência e devastação, projetos coletivos na interface arte e saúde foram desafiados pelos efeitos da pandemia de Covid-19. O Laboratório Pacto-USP acompanhou e interveio nesses efeitos, reativando sua história e inventando novas estratégias. Nesse artigo serão destacadas vivências no bojo da pesquisa cartográfica “Deslocamentos sensíveis: inscrições públicas dos modos de existência de projetos coletivos na interface arte e saúde na cidade de São Paulo”. Como acolher esse acontecimento inesperado? Como uma vida coletiva poderia ser inventada e sustentada nessas circunstâncias? Como pensar, neste contexto, a equação entre conexão, exposição e reserva? Qual a responsabilidade desta pesquisa com a sustentação dessa rede e dessas vidas? Suspender a pesquisa não era uma opção. Era preciso acompanhar, intervir, cuidar, estar junto. Pensar como as ferramentas digitais poderiam favorecer e o que interditar dos encontros possíveis. A pesquisa foi mantida em composição com esses atravessamentos, registrados em escritos e imagens, tecendo uma cartografia do processo. A importância de reportar esse período da experiência advém do reconhecimento das artes e tecnologias de interação que emergiram do desafio de seguir em propósitos ético-políticos de pesquisar coletivamente.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia ocupacional; Interface arte e saúde; Pesquisa participante; Covid-19.

Lima EMFA, Buelau RM, Castro ED, Valent IU, Silva JA, Inforsato EA. Researching collectively: sensitive displacements in times of distance. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2021-2022 Jan.-Dec.;32(1-3):e204818.

ABSTRACT: In waves of resilience and devastation, collective projects at the art and health interface were challenged by the effects of the Covid-19 pandemic. The Research Group Pacto, University of São Paulo, followed and intervened in these effects, reactivating its history and inventing new strategies. This article will highlight strategies experienced in the context of the research “Sensitive displacements: public inscriptions of the modes of existence of collective projects at the art and health interface in the city of São Paulo”. How to host this unexpected event? How could a collective life be invented and sustained under these circumstances? How to think, in this context, the equation between connection, exhibition and reservation? Which is the responsibility of this research with sustaining this network and these lives? Suspending the research was not an option. It was necessary to accompany, to care, to be together. To think how digital tools would favor and what it would interdict. The research was continued in composition with these questions, registered in writings and images, which weaved a cartography of the process. The importance of reporting on this period of experience comes from the recognition of the arts and interaction technologies that emerged from the challenge of following the ethical-political purposes of researching collectively.

KEY WORDS: Occupational therapy; Art and health interface; Participant research; Covid-19.

Trabalho resultado da pesquisa “Deslocamentos Sensíveis: inscrições públicas dos modos de existência de projetos coletivos na interface arte e saúde na cidade de São Paulo”, financiada pelo CNPq / Edital Universal Chamada MCTIC/CNPq no 28/2018 - Universal/Faixa B, Processo 438439/2018-0.

Partes deste texto foram apresentadas no Latin American Studies Association Congress, LASA 2021.

Aprovado no Comitê de Ética - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - CAAE: 04234818.2.0000.0065

1. Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina, Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. ORCID: Lima EMFA - <https://orcid.org/0000-0003-0590-620X>; Inforsato EA - <https://orcid.org/0000-0002-0084-5682>; Buelau RM - <https://orcid.org/0000-0003-3230-2727>. E-mail: beth.lima@usp.br, erikainforsato@usp.br, renatabuelau@usp.br

2. Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação Interunidades Estética e História da Arte. <https://orcid.org/0000-0003-4980-9292>. E-mail: elidca@usp.br

3. Universidade Estadual de Pernambuco. <https://orcid.org/0000-0003-4566-8517>. E-mail: isabelavalent@alumni.usp.br

4. Universidade Federal do Rio de Janeiro. <https://orcid.org/0000-0002-2028-9417>. E-mail: juliana.arsi@gmail.com

Endereço para correspondência: Curso de TO – FOFITO. Rua Cipotânea, 51. Cidade Universitária - Butantã, São Paulo, SP. CEP: 05360-160. E-mail: beth.lima@usp.br

ACOMPANHAR DE PERTO, ACOMPANHAR DE LONGE

Uns dançam, outros cantam, alguns fazem teatro. Há também os que desenham, tiram fotos, bordam e tomam café. A vida vai acontecendo e a cena vai rolando, desenrolando - disse alguém. Às vezes se apresentam. Em outro país, num centro cultural da cidade, na universidade, num evento, no serviço de saúde, na rua ou na própria sala onde ensaiam. Aparecem. Vagam pela cidade, pegam duas, três conduções, se perdem... e chegam. Encontram-se. Ficam juntos para ensaiar ou ensaiam para ficar juntos; não se sabe ao certo. Há os que sonham ser famosos, mas insistem no descabimento. Flertam com o desaparecimento. Beiram a ruína e seguem existindo. Há muito tempo (p.3)¹.

Em conjunto, essas movimentações configuram uma paisagem filmica, de frames subsequentes que passam, retornam, entrelaçam-se e sobrepõem-se, fortalecendo uma perspectiva clínica, estética e política, artesanalmente fabricada por procedimentos técnicos, sensíveis e afetivos no Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo (Pacto-USP). Desde 1996, o Pacto desenvolve ações de ensino, pesquisa e extensão, em colaboração com pesquisadores e profissionais do campo das artes, da saúde e da filosofia, em articulação com projetos coletivos da interface arte e saúde da cidade de São Paulo. Os efeitos de choque para essas configurações, que vinculam as vidas em funcionamentos coletivos, foram desafiadores, pois vivenciados em ondas de resiliência e devastação durante a interrupção dos encontros imposta pela emergência da pandemia de Covid-19. O Pacto acompanhou e interveio nesses efeitos por meio de muitas de suas ações. Nesse artigo serão destacadas aquelas vivenciadas no bojo da pesquisa cartográfica “Deslocamentos sensíveis: inscrições públicas dos modos de existência de projetos coletivos na interface arte e saúde na cidade de São Paulo”, em andamento no momento dessa emergência.

Essa pesquisa, foi proposta em 2018, buscando acionar a consistência da história do Pacto para contribuir com a produção de conhecimento na interface arte e saúde. Ela foi conduzida por um grupo de pesquisadoras e estudantes de graduação e pós-graduação, com a participação de integrantes de cinco coletivos que desenvolvem ações na interface arte, saúde e cultura na cidade de São Paulo e compõem a rede de parcerias do Pacto: a Cia Teatral Ueinzz, o Coral Cênico Cidadãos Cantantes, a Oficina de Dança e Expressão Corporal - ODEC, o Centro de Convivência É de Lei e o Coletivo Preguiça. Desde o projeto inicial, o foco da

investigação esteve voltado a esses conjuntos heterogêneos, compostos por vidas submetidas à invisibilização e a vulnerabilidades acentuadas, que gravitam, atravessam e são atravessados por dimensões da produção acadêmica em composição com ações artísticas e culturais.

Orientada a contemplar a criação de lugares de compartilhamento e visibilização das produções artísticas que emergem desses coletivos e de seu encontro com os processos formativos em Terapia Ocupacional, o objetivo da pesquisa foi fortalecer essa rede e investigar com ela modos de existir coletivamente, experimentando outras políticas de subjetivação. A proposta inicial de tornar público estes modos de operar e as produções dali decorrentes, com a implicação e o cuidado necessários para encontrar os contornos possíveis e não exceder em sua visibilização, sob o risco de espetacularizar essas existências, favoreceu a criação de pistas para a multiplicação de metodologias de resistência e enfrentamento de processos de institucionalização, hegemonização dos modos de fazer, e padronização que insistem nas especialidades e rejeitam a dimensão múltipla e paradoxal no tratamento à vida.

Cartografar. Acompanhar processos. Compor caminhos coletivos para pesquisar junto, a partir de experiências já instauradas, com histórias e geografias consistentes, foi a orientação ética e política que praticamos para engendrar essa pesquisa que desejou pôr-se em movimento com os projetos coletivos participantes. O desafio de encontrar frequências intelectuais e sensíveis que incorressem numa produção de conhecimento voltada para uma composição, convocou acrescentamentos e derivas dos modos de pesquisar já vigentes. Formas que assumem sua implicação com o acontecimento e afirmam o caráter criativo da investigação, que se dispõem a fazer caminho ao caminhar, produzir dados ao invés de coletá-los. Mais do que representar o mundo em uma suposta estabilidade, encontrar operações que interroguem funcionamentos estabelecidos, provocando desvios e processos de diferenciação e singularização. Acolher e analisar os efeitos desses movimentos no campo social e na vida de cada envolvido demandou uma abordagem estética, clínica e política de forma a disparar movimentos comprometidos com a produção de um mundo comum e heterogêneo, orientados para dimensões do cuidado.

No compasso desse andamento, em 2020 o processo foi repentinamente atravessado, assim como todo o planeta, pela pandemia de Covid-19. As pessoas foram colocadas em isolamento, espaços culturais foram fechados, projetos foram interrompidos. A teia das relações humanas se esgarçou e fragilizou-se ainda mais, e uma tensão passou a compor o cotidiano das práticas. Simultânea ou paralelamente à

experiência da desconexão, numa espécie de rebatimento à escassez de encontros, intensificaram-se as aparições no universo virtual das redes sociais, ocasionando um excesso de exposição que dissipava alteridades e as distâncias e reservas próprias às relações.

Imediatamente, diversas perguntas se impuseram à equipe de pesquisadoras: como acolher esse acontecimento inesperado no andamento da pesquisa? Como uma vida coletiva poderia ser inventada e sustentada nessas circunstâncias? Como pensar, neste contexto, a equação entre conexão, exposição e reserva? Qual a responsabilidade desta pesquisa com a sustentação dessa rede e dessas vidas? Suspender a pesquisa não era uma opção, pois implicaria na ruptura de liames já esgarçados por todo o impedimento das presenças em comum. Era preciso acompanhar, intervir, cuidar, estar junto. O que poderia ser favorecido ou interditado pelas ferramentas digitais sobre os encontros possíveis?

Aos poucos, foi possível mapear, produzir registros sensíveis, identificar e acionar as formas de articulação e sustentação dessas práticas comunitárias e minoritárias que vinham inventando-se durante a pesquisa. Serão compartilhadas nesse artigo algumas propostas experimentadas entre 2020 e 2021, na construção de redes solidárias, apoio e cuidado recíproco para enfrentar o isolamento, o distanciamento físico e o descaso das instâncias governamentais.

A sustentação da espera, a concentração sutil para deixar ver e sentir os modos mais efetivos de reconexão e reativação da vida foi uma posição assumida de início, à revelia da aceleração por uma nova normalidade que era violentamente compelida para não interromper a produtividade capitalística. Notícias esparsas que se juntavam em pontos de contato fortuitos ou deliberados confiavam a necessidade da desaceleração. Com a duração estendida da pandemia, os contatos telefônicos e as trocas individuais e coletivas de mensagens por dispositivos digitais foram aumentando sua circulação, até que a necessidade de configurar alguns encontros em plataformas de videoconferência se impôs. A pesquisa retomou sua continuidade e compôs com esses atravessamentos a reinauguração dos processos em andamento antes da pandemia. O acompanhamento dessas ações se deu através de registros escritos e de imagem que foram tecendo a cartografia da pesquisa para sua continuidade e finalização. A importância de reportar esse período da experiência de pesquisa nesse texto, advém do reconhecimento das artes e tecnologias de contato que emergiram do desafio de seguir em propósitos ético-políticos de pesquisar coletivamente.

Ao anunciar esse processo nos relatórios da pesquisa foi possível encontrar uma explicitação da operação inventiva

nos fragmentos de narrativas feitas a partir dos encontros, mobilizando e intensificando a apreensão dos acontecimentos, a partir de uma perspectiva genealógica², que admite pensar na multiplicidade de começos. Essa perspectiva permaneceu ativa como orientação metodológica por todo o período da investigação, em consonância com outros estudos do campo da Terapia Ocupacional.

Resgatar elementos para uma genealogia, descolonizá-los, valorizar e pôr em circulação esses elementos heterogêneos do campo da terapia ocupacional serve para afirmar uma herança, algo valioso que nos foi deixado, talvez sem testamento, e que nos cabe decifrar, significar e reativar. Essa herança relaciona-se a uma tomada de posição: pôr-se em face do mundo na luta pelo ‘direito a ter direitos’ para todas as pessoas – o que implica trazer para a arena política, da pesquisa e do pensamento, o cuidado e as formas de fazer e pensar que não coincidem com o modelo dominante do trabalho e da ciência. Essa herança tem sido reativada por terapeutas ocupacionais no Brasil e no mundo (p.164)³.

A disposição de elementos heterogêneos e o reconhecimento da possibilidade de proceder por formas não predominantes mostrou-se convergente ao método da cartografia⁴ e permitiu no âmbito da pesquisa adotar estratégias dos campos artísticos e literários, afirmando os caminhos investidos na potencialização da vida e na história de resistência dos projetos coletivos e de seus participantes.

ATRAVESSAR E SER ATRAVESSADOS PELA PANDEMIA DE COVID-19

Era um povo cuja interação, subitamente, passou a dar-se apenas pelas telas dos computadores, celulares e afins. Alguns estavam mais habituados a tais aparelhagens, pois há muito seu suposto lugar de pertencer passou a ter nome próprio e logomarca, com pequenas variações de formatos sob a insígnia “rede social”. Para estes, passado o susto, pouca coisa mudou, visto que ‘lá fora’ já era um termo em desuso. Outros, porém, mantinham algo de sua marginalidade constitutiva, seja pela ausência concreta dos meios necessários para os tais encontros remotos, seja por possuírem linguagens e tempos incompatíveis ao universo digital. Seguiam insistindo em seu descabimento. Outros mais, tão distantes estavam por andarem na contramão, perderam-se, desaparecidos desses dispositivos digitais. Deles, ninguém mais teve notícias. E havia, ainda, aqueles que ficavam em algum lugar entre tudo isso. ‘É que há muita coisa entre existir e não existir’ (p. 1)¹.

Se o Brasil sempre foi um país extremamente desigual, a pandemia de Covid-19 mostrou, de forma irrefutável, o abismo dessas desigualdades que se aprofundam a cada dia, e o precipício ecológico para o qual estamos sendo levados com a expansão do Capitalismo Mundial Integrado por todo o planeta⁵. A forma como o governo federal brasileiro conduziu a crise sanitária entre 2020 e 2021, apoiando deliberadamente o racismo, a homofobia, o sexismo, o capacitismo e a destruição do patrimônio cultural e ambiental, revelou sua face necropolítica⁶, de descaso com os efeitos da pandemia e de polarização entre saúde e economia. A política adotada permitiu que o vírus se espalhasse rapidamente por todo o país de forma inconsequente, numa escolha por deixar morrer as populações mais vulneráveis: idosos e pessoas com comorbidades pré-existentes, a população negra, travestis, transgêneros, profissionais do sexo, pessoas em situação de rua e de áreas carentes da cidade, povos indígenas e os pobres em geral.

Na cidade de São Paulo, a indicação de distanciamento físico, para aqueles que podiam fazê-lo, permaneceu ao longo de todo o ano de 2020, com repercussões importantes para muitos dos participantes desta pesquisa, que viram sua invisibilidade e suas condições de precariedade intensificadas. Embora, nesse período, a equipe de pesquisadoras do Pacto tenha sido tomada pelo excesso de conexão e pela sobrecarga do trabalho remoto impostas pela continuidade e aceleração do trabalho universitário, muitas pessoas vinculadas aos projetos coletivos parceiros do Laboratório ficaram sozinhas e isoladas em suas casas, sem meios para tentar qualquer conexão. Alguns não dispunham dos recursos materiais necessários para o contato virtual ou enfrentavam outros tipos de barreiras para este acesso.

A desterritorialização brutal, acompanhada pelo aprofundamento radical das injustiças e desigualdades, impôs o desafio de fabricar novas terras, novas comunidades, novos territórios e espaços de pertencimento. A rede de coletivos envolvida na pesquisa, cujos procedimentos principais vinham se desenvolvendo a partir do contato próximo, do encontro entre os corpos, da convivência em presença, ativando a sensibilidade ao colocá-la à disposição dos processos criativos, foi desafiada a reinventar seus modos de criar, compor e conviver.

A sustentação do processo da pesquisa no contexto da pandemia tornou-se, então, uma necessidade, um desejo e uma forma de inserir a perspectiva micropolítica⁷ na abordagem da crise global, para acompanhar e responder às consequências da pandemia nas subjetividades, nos modos de vida e nas produções culturais. Proposições artísticas, corporais e de convivência acionadas nos encontros da

pesquisa configuraram trilhas de investigação e fatores de proteção, ainda que mediadas pelas telas. Esses experimentos criativos, assumidos em sua precariedade, contribuíram para manter uma vida coletiva, produzir saúde e perseverar a existência, ainda que por um fio.

Diante deste quadro, a pesquisa fez rearranjos para acolher o que surgia dessa situação grave e inesperada. A conexão com essa rede, que está sempre se tecendo e ao mesmo tempo em permanente risco de se desfazer, viabilizou um acompanhamento mútuo que assumiu o compromisso com uma (re)existência coletiva. Os projetos envolvidos também aceitaram o desafio de ir adiante com a pesquisa e, cada um a seu modo, adaptou-se para seguir, o que significou sustentar vazios, interrupções e desmoronamentos. Confiar na vida e acolher a morte que lhe constitui.

ENCONTROS ENTRE DISTÂNCIAS

Um “oi” emerge de um canto da tela e segue contagiando a todos, em meio aos embates com a conexão da internet, os sons entrecortados, a abertura de câmeras e microfones. “Devo fechar o microfone dele?”, pergunta alguém. Não sabemos ao certo, mas decidimos que a dúvida é importante. Entre um emaranhado de cumprimentos atravessados, cada um encontra e compõe, pouco a pouco, uma frequência própria ao grupo, em tentativas de percorrer as distâncias físicas impostas pelo isolamento da pandemia e achar um modo de transmissão dos afetos. [...] Alguns parecem, ao mesmo tempo, ancorados e flutuando. Não exatamente dentro de si, muito menos fora, mas num espaço entre dentro e fora, como se o fluxo de um trânsito congestionado tivesse sido restabelecido. [...] Aos poucos, as falas tornam-se mais expressivas, insinuando que algo ganhou consistência. Os poros se abrem, os olhares se cruzam numa estranha confiança de reciprocidade, o corpo ganha presença (p.42)⁸.

Assumir a pesquisa em seu processo imprevisível e inacabado demandou a constituição de um grupo ampliado que participava da pesquisa e que fazia parte de uma rede maior que gravitava em torno dela. Demandou, também, o exercício constante de manejar e suportar os enquadramentos do mundo digital, visto que dele dependia-se mais do que nunca, com atenção àquilo de autoritário que prevalece na forma como a internet e seus dispositivos condicionam a comunicação, as imagens, o tempo. Inevitavelmente, essas disposições entravam em choque com as presenças desencaixadas dos participantes da pesquisa, pelas injunções de velocidade e lentidão, tumulto e assepsia.

Foi então, no choque inicial com a irrupção da pandemia, que o primeiro movimento da equipe se fez numa parada, na tentativa de encontrar um pouso num momento onde tudo parecia precipitar-se. Pousar o corpo em meio a um cotidiano desordenado, para efetivamente sentir e dizer dos impactos daquilo que se vivia e, então, ensaiar maneiras de seguir; não pelo mesmo caminho, mas através da modelagem de novas formas, capazes de reagir com presença e alma a um regime de desafeção generalizada.

(...) o verdadeiro projeto político com força transformadora, aquilo que deveria nos unir, é a luta por uma mutação de afetos que passe pela compreensão da desafeção como base de nossa verdadeira miséria (...) Porque esse programa econômico que se impõe a nós, com ou sem pandemia, tem uma economia libidinal que lhe é própria. Para ele funcionar, é necessário que a sociedade exploda toda possibilidade de solidariedade genérica, essa solidariedade, que obriga a realização social de princípios estritos de igualdade e redistribuição (p.1).⁹

Dar corpo, tempo e espaço à experiência desterritorializante da pandemia foi, portanto, um trabalho assumido enquanto dispositivo político. Estratégias para um contato inicial dessa rede foram pensadas lenta e conjuntamente. Caminhos alternativos àqueles mais imediatamente disponíveis foram imaginados: cartas físicas enviadas a cada qual, entregas de materiais à domicílio, convites a uma produção de formas expressivas, textos, artesanias quaisquer que pudessem circular, mobilizar os afetos numa região sensível... Mas naquele momento pouco se sabia sobre o comportamento do vírus, e qualquer troca material ou movimentação parecia ser um convite a colocar o outro e o próprio corpo em risco. Qualquer chamamento para fazer algo além de sobreviver parecia um excesso.

A primeira estratégia utilizada para sustentar alguma forma de continuidade foi a ativação da própria rede. Recolhemos número de telefone, celular, e-mail - buscando todas as formas disponíveis para entrar em contato com os participantes da pesquisa, tocando uma primeira camada de pessoas mais próximas. Na troca de e-mails algumas ideias e iniciativas para manter um laço entre os projetos surgiram.

Como não era possível prescindir dos meios digitais, a equipe dedicou-se a pensá-los não apenas como condenação, mas como uma ferramenta da qual dispunha para mobilizar a experimentação coletiva, transitar por esferas invisíveis, reinventar a corporeidade, exercitar a solidariedade. Algo como uma membrana, capaz de permitir passagens.

Um dos experimentos iniciais foi a elaboração de uma vídeo-carta, uma ação poética endereçada a todos os participantes da pesquisa. Nela, as vozes das pesquisadoras e estudantes, junto com imagens dos encontros presenciais feitos antes da pandemia e outras gravadas nas casas de cada uma, criaram uma composição afetuosa que pretendia alargar um tanto as formas de contato que boa parte das pessoas vinha experimentando até então. Buscou-se uma conexão esboçada pela memória, pela sensibilidade, pela evocação de uma experiência comum que, ao ser acionada, poderia formar tecido, corpo, presença. Um convite de proximidade – ainda que na distância.

A vídeo-carta foi disparada em todos os canais de comunicação da pesquisa. Muitos receberam, alguns responderam, e de alguma forma essa estratégia pareceu ativar um campo conectivo que favoreceu um lugar de agenciamento vislumbrado para a pesquisa.

A partir destes primeiros contatos, para experimentar novos meios de ligação em tempos de afastamento, foram agendados dois encontros virtuais, cuja proposta era a troca de notícias e experiências entre os grupos, bem como um levantamento de recursos que poderiam ser partilhados. Dificuldades, necessidades e propostas de continuidade foram mapeadas. Pessoas que tinham se afastado da rede ou estavam mais distantes foram identificadas e formas de chegar a elas foram pensadas.

Produzir e sustentar esses movimentos foi se tornando o modo mais afinado para aproximar o compromisso de acolhimento e rede. E essa sintonia se fez com afeto, em meio a notícias tristes da vida cotidiana e da interrupção dela, que desafiavam a tenacidade de todos os envolvidos para a continuidade dos contatos. O isolamento, a solidão, o dia-a-dia cada vez mais precarizado, as vidas interrompidas pelo adoecimento geral e específico de Covid-19, sem possibilidade de despedida, de homenagens em presença. E o sofrimento acentuado, somado a dificuldades de acesso tecnológico digital. Um cenário que explicitava a cada dia de forma mais contundente, a impossibilidade de retornar ao funcionamento antes vigente, e a motivação solidária para agir coletivamente, traçando estratégias que retomassem o desejo de imaginar outros futuros.

Gradualmente, recursos tecnológicos foram conhecidos, aprendidos, discutidos e utilizados até o ponto em que favoreciam processos de cuidado, acolhimento e criação. A prevalência de alguma alegria em saber do outro e assistir as imagens de cada um produzindo uma dança de tempos e gestos descontraídos através dos retângulos limitantes das videoconferências era o parâmetro para continuar ou parar. A equipe ampliada apostou também

na relação com as videoconferências como uma estratégia interessante para um constante movimento de burlar seus condicionamentos. A despeito da fragmentação das imagens e do silenciamento imposto, o compartilhamento de tarefas viabilizava uma atenção aos movimentos mais invisíveis.

No desafio de trabalhar coletivamente à distância, de fazer acontecer uma convergência no afastamento, a percepção de que há muitos encontros dentro de um único encontro precisou intensificar-se para considerar que havia uma sobreposição de espaços e tempos para além daquilo que é costume se supor. Encontro com a projeção da própria imagem, com os sons modificados, com os dispositivos tecnológicos em sua materialidade e virtualidade, com os diferentes lugares de morar...

Como seguir trabalhando entre mundos, com a interferência dos dispositivos tecnológicos e uma adaptação aos seus funcionamentos, passou a ser a questão orientadora das ações movidas para o restabelecimento dos encontros e do trabalho conjunto, ressaltando outras problematizações e mobilizações criativas para o prosseguimento das organizações coletivas.

Pessoas se esbarravam – o olhar de um se encontrava com a imagem do outro na tela? – Cumprimentavam umas às outras. Perguntavam-se se estavam bem. “Que saudades de abraçar vocês”. Avistavam, pela abertura das câmeras, o pouco que se revela dos espaços em que cada um está. “Bonito o seu sofá”. Falavam do tempo, das condições atmosféricas, da efemeridade. Faziam silêncio, mostravam recortes de seus corpos em imagens sem enquadre. “Qual o assunto?” pergunta alguém. De cada ponto da tela surgia uma linha sendo puxada na tentativa de explicitar o que ali se pretendia. Pensava-se em explorar rastros da existência – de pessoas, de encontros, de coisas, de ideias, de histórias –, tendo como intermédio aquilo que os objetos contam, – ou o que nós contamos sobre os objetos – e, quem sabe, por traçados coletivos descobrir o que importa guardar e, ao mesmo tempo, o tanto de cuidar que há na “curadoria” (p. 28)⁸.

As apostas feitas decorriam de longas conversas e novos estudos por parte da equipe, o que não acalmou a angústia frente aos desafios, mas contribuiu para adensar as reflexões em torno da pergunta-problema da pesquisa a respeito da visibilidade e do cuidado com os modos de existência de cada projeto. Cada passo era dado de maneira hesitante, evitando enganchos este movimento à proliferação ansiogênica de espaços virtuais de autopromoção, onde o projeto neoliberal, de forma distópica, cumpria seu objetivo de reduzir a vida, o tempo e o corpo ao seu destino mais privatista, no lugar de mercadoria, fazendo girar voluntariamente a máquina do capitalismo.

Diante da acentuada exigência e urgência de retecêr a trama dos afetos que os contatos coletivos produzem, a equipe da pesquisa se pôs a adaptar, fazendo funcionar, com os recursos possíveis, o plano de consistência já construído com os acontecimentos anteriores desse e de outros estudos e intervenções feitas pelo Pacto, em sua história. A continuidade da pesquisa se deu, então, com a organização de oficinas e seminários temáticos nas plataformas digitais, para abordar temas relevantes para todos, manter a rede em conexão e criar coletivamente estratégias de resistência e cuidado. Contamos com a ajuda de coordenadores e integrantes dos coletivos para organizar e divulgar os encontros. E fizemos um trabalho de acompanhamento individual para facilitar a presença de alguns participantes. Todos esses procedimentos já constituíam o rol de conhecimentos e tecnologias exercitadas e pensadas pelo Pacto, na relação com muitos estudos e ações de pesquisadores e profissionais atuantes no campo da interface arte e saúde.

O elemento da precariedade foi considerado de modo contudente na mobilização das adaptações e na urgência de seguir. A precariedade, como aparece nos estudos de Judith Butler,

(...) implica um aumento da sensação de ser dispensável ou de ser descartado que não é distribuída por igual na sociedade. Quanto mais alguém está de acordo com a exigência da “responsabilidade” de se tornar autossuficiente, mais socialmente isolado se torna e mais precário se sente; e quanto mais estruturas sociais de apoio deixam de existir por razões “econômicas”, mais isolado esse indivíduo se percebe em sua sensação de ansiedade acentuada e “fracasso moral”. O processo envolve uma escalada de ansiedade em relação ao próprio futuro e em relação a aqueles que podem depender da pessoa; impõe à pessoa que sofre dessa ansiedade um enquadramento de responsabilidade individual, e redefine a responsabilidade como a exigência de se tornar um empreendedor de si mesmo em condições que tornam uma vocação dúbia impossível (p.15)¹⁰.

O enfrentamento da precariedade acionou o conjunto de estratégias já disponíveis no histórico das ações do Pacto e sua condição de adaptação foi ativada e inventada pela equipe de pesquisa. A ideia de “assembleia” apontada por Butler¹⁰ como uma saída provisória que reconhece coletivamente a condição social precária como injusta e propõe uma alternativa ética e social “sobre e contra uma sensação cada vez mais individualizada de ansiedade e fracasso” (p.15)¹⁰, aproxima-se das estratégias adotadas por esta pesquisa, de encontros para ver-se, escutar-se, acolher-se, estar junto,

exposto aos atravessamentos uns dos outros, com e como ambientes em reciprocidade.

Assim, os seminários desenvolvidos focalizaram o tema das Existências Coletivas: os desafios impostos pelo isolamento social para continuar a existir como coletivos; a incerteza do contágio limitando as atividades coletivas no futuro próximo; a cultura, suas transformações em curso; e uma reflexão sobre como poderíamos prosseguir.

As oficinas propuseram exercícios de cuidado e criação na relação com os modos de pesquisar, considerando que as produções dessas formas de existência coletivas vão muito além dos produtos artísticos propriamente ditos.

Em encontros curtos, costurados pela recolha de imagens, áudios, vídeos por meio de um grupo de mensagens, a oficina de Curadoria, coordenada pelo Grupo de Experimentação Poéticas e Políticas do Sensível, convidou os participantes a exercitar formas de anunciar, expressar e representar colaborativamente as produções que emergem dos dispositivos artísticos coletivos.

A oficina “Como incorporar um rosto”, coordenada pela artista e pesquisadora Carla Bottiglieri, foi escolhida como uma expansão da estratégia de pesquisa: experimentamos o corpo em um contexto pandêmico, considerando a imposição do isolamento físico e o lugar que os encontros virtuais passaram a ocupar na vida cotidiana.

No final das contas, pouco importava produzir respostas para a questão colocada (“Como incorporar um rosto?”). A potência estava na aproximação de um estado de exploração, de tentativa de inventar coletivamente um jeito de incorporar o rosto, de resgatar a tridimensionalidade de corpos recortados e achatados pelas telas, de buscar outras possibilidades de se relacionar com o outro, de romper a rigidez, de poder se perguntar: “Que segredo é esse que sustentamos no rosto e eliminamos as mágoas?”. As contínuas reverberações e o desejo por compartilhar não pareciam caber no tempo planejado, felizmente aquilo que era imprevisível se fazia presente dissolvendo o que havia sido idealizado. A sustentação da presença por mais de três horas impressiona. A surpresa instiga a pensar como os grupos tem se configurado e de que maneira se mantém a disponibilidade para o encontro” (p.44)⁸.

AFIRMAR-SE COLETIVAMENTE: RESISTÊNCIAS

Assombrados pelo sufoco e pela morte a nos rondar, mais próximos de uns do que de outros, e desestabilizados por termos sido retirados do mundo que conhecíamos e

do seu ritmo, tivemos, paradoxalmente, a possibilidade de fazer uma pausa, respirar e olhar em volta. Respirar, um ato corporal constante e mundano que, como diz Mbembe¹¹, de repente se revela em sua importância e fragilidade, como um direito universal no desafio de construir a possibilidade de uma vida respirável para todos.

Diante da urgência da pandemia, a história do Pacto foi acionada com maior intensidade, articulando cuidado na forma de escuta e acolhimento, com a disponibilidade da tentativa, da errância coletiva, do tateamento e dos ajustes frequentes. A pesquisa revelou-se uma forma de abordar a invenção em ato de tecnologias de participação social em situação de isolamento e distanciamento. A documentação do processo de criação dessas tecnologias socioculturais permitiu afirmar a autonomia dos movimentos de subjetivação e produção cultural que estávamos acompanhando.

A questão da participação e do encontro esteve no centro da sensibilidade de toda a equipe, quando tudo parecia ter que passar pelas telas - que de alguma forma dissociam o contato que se estabelece a partir da experiência do corpo em presença - e por equipamentos e recursos que não são igualmente acessíveis para todos. Os eventos de 2020 e 2021 trouxeram uma ruptura em nossa vida cotidiana, muitas mudanças em nossas formas de trabalhar, de estar junto, de perder-se, de sentir, de viver¹².

Nesta experiência, uma investigação cartográfica com grupos estabeleceu relações raras nos processos de pesquisa, ao invocar uma interação cuidadosa e sustentar encontros com expressões poéticas que mobilizaram sensibilidades e emanciparam trocas entre todos. Um plano comum se constituiu entre pesquisadores e participantes, tendo a transversalidade como guia metodológico para processos de participação social¹³. A construção e o fortalecimento da rede puseram em jogo, inseparavelmente, as dimensões política, estética e clínica da vida, urgentes num mundo marcado por violência, desigualdade e exclusão. As práticas artísticas e corporais, as tecnologias de cuidado que elas engendraram, a comunicação, colaboração e cooperação que atravessou esta rede, levaram a um campo relacional no qual invenção e sensibilidade foram compartilhadas na produção de um plano comum de experiência.

Os desafios sociais impostos pela pandemia e as circunstâncias e condições resultantes da mesma, convocaram deslocamentos maiores que os possíveis de serem previstos no início desta jornada. Múltiplas propostas, mobilizadas pelas artes e pelo processo criativo, foram experimentadas na tentativa de promover experiências sensíveis, de tocar os corpos que estavam retraídos, assustados e isolados, ativando memórias e imaginações. Afetar e ser afetado pelo

encontro entre rostos e olhares em uma tela nos mostrou a necessidade e o poder de ver e ouvir os outros e ser visto e ouvido por eles. Como aprendemos com Arendt¹⁴, a presença de outros que veem e ouvem o que nós vemos e ouvimos, a possibilidade de tocar a vida uns dos outros, nos garante a realidade do mundo e de nós mesmos.

Apoiado numa perspectiva micropolítica, este projeto colaborativo, que se realizou na interface entre arte, saúde e cultura, pode ampliar e expandir a potência coletiva presente em uma rede singular, produzindo ações e materiais poéticos e os compartilhando. Entre os vários desdobramentos da pesquisa, foi criada uma Plataforma Digital para cuidar e fazer seguir reverberando as produções desses encontros¹⁵.

Como disse Krenak¹⁶, existem “pequenas constelações de pessoas em todos os lugares que dançam, cantam e fazem chover. (...) Pessoas que suspendem o céu.” (p.26). Encontramo-nos em uma dessas muitas constelações. O que experimentamos juntos é algo muito menos espetacular do que shows de mídia ou *lives* com

milhares de *views*. Mas muito mais decisivo: o encontro, os corpos em reverberação, a música que atravessa a todos, a assertividade de um lugar para existências desprezadas pela governança social.

A dimensão de cuidado, também constitui a pesquisa. Cuidado e cultivo de uma rede em formação permanente, território existencial no qual pesquisadores e participantes se encontram, comprometidos com a construção de um plano comum e heterogêneo feito das gentes e de suas artes, envolvidos diferentemente no processo de resistência à morte. Como diz Deleuze¹⁷, “O ato de resistência possui duas faces. Ele é humano e é também um ato de arte. Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta entre os homens” (p.14).

Diante de tantos ataques à vida individual e coletiva, resistir juntos, é traçar caminhos entre as pedras, caminhos que possam indicar saídas para a vida.¹⁸ Caminhos que aproximem a vida em suas diferenciadas aparições, modos de existir e pensar a invenção de si e dos mundos em que cabem tentativas de neles fazer e fazer-se.

Contribuição das autoras: *Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima* - realizou a concepção, redação e revisão e coordenou o processo de escrita do texto. *Erika Alvarez Inforsato* - realizou a concepção, redação e revisão do texto. *Renata Monteiro Buelau* - realizou a concepção, redação e revisão do texto. *Eliane Dias de Castro* - contribuiu com a redação e revisão do texto. *Isabela Umbuzeiro Valent* - contribuiu com a redação e revisão do texto. *Juliana Araújo Silva* - contribuiu com a redação e revisão do texto.

REFERÊNCIAS

1. Buelau RM. Narrativa entre distâncias. Texto apresentado no Seminário [Existências 1]: Interrupções, tentativas e invenções entre distâncias. Pacto-USP; 2020.
2. Foucault M. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes; 1999.
3. Lima EMFA. Terapia ocupacional: uma profissão feminina ou feminista? Saúde Debate. 2021;45(130):154-67. <https://doi.org/10.1590/0103-11042021E112>
4. Passos E, Kastrup V, Escóssia L, editores. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina; 2009.
5. Guattari F. As três ecologias. Campinas, SP: Papirus; 2001.
6. Mbembe A. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. São Paulo: n-1 Edições; 2018.
7. Guattari F, Rolnik S. Micropolítica cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes; 1986.
8. Inforsato EA, Ederli GP. Elementos para uma narratividade em terapia ocupacional: contribuições da escrita para a pesquisa na interface arte e clínica. Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica. São Paulo: PUB-USP; 2021.
9. Safatle V. O Brasil e sua engenharia da indiferença. In: Blog Combate Racismo Ambiental. 3 jul. 2020. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/07/03/o-brasil-e-sua-engenharia-da-indiferenca-por-vladimir-safatle/>
10. Butler J. Corpos em aliança e a política das ruas: notas sobre uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2018.
11. Mbembe A. O direito universal à respiração. São Paulo: n-1 Edições; 2020.

12. Inforsato EA, Castro ED, Lima EMFA. Texto apresentado no Seminário [Existências 2]: Cultura, Práticas do Presente e Sonhos de Continuidade. São Paulo: Pacto-USP; 2020.
13. Kastrup V, Passos E. Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal Rev Psicol.* 2013;25(2):263-280. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200004>
14. Arendt H. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2003.
15. Plataforma Digital da Pesquisa “Deslocamentos Sensíveis”. São Paulo: Pacto-USP; 2021. Disponível em: pacto.art.br/cartografia
16. Krenak A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Cia das Letras; 2019.
17. Deleuze G. O ato de criação. Folha de São Paulo, 26 jun. 1999.
18. Deleuze G. Conversações. São Paulo: Editora 34; 1992.

